

LINHA DE TERRA



Linha de Terra

Carlota Jardim, Micaela Morgado, Sara Anjo em entrevista ao / interviewed by Dentes de Leão

Carlota Jardim escreve ao abrigo do anterior acordo ortográfico e recorre à letra X para anular a definição de género. *Carlota Jardim writes under the previous spelling agreement and uses the letter X to cancel the gender definition.*

DENTES DE LEÃO (DL)

Que relevância teve o papel relacional e afetivo do Dentes de Leão para o vosso processo artístico?

CARLOTA JARDIM (CJ)

Para mim, trabalhar com muita gente é sempre um desafio. Nas artes plásticas, de onde venho, o círculo de pessoas normalmente envolvido nos processos de criação é muito restrito, se não se cinge – no fazer da “obra” – apenas a mim própria. Apesar de ter tido experiências correlacionais e até participativas anteriormente, a experiência no Dentes de Leão abriu-me uma série de horizontes artísticos e relacionais, dos quais destaco precisamente a relação afectiva, a entreajuda, o debate crítico e a criação de comunidades efémeras - um “termo” que trabalhámos constantemente. Ora, todas estas coisas apenas são possíveis de ser edificadas – e confrontadas – num campo comum e a própria criação desse campo comum constitui o principal trabalho de criação. Isto é-me especialmente importante, porque me interessa ligar o artístico e o político dessa forma - na maneira como os processos se interligam para a criação de um “objecto” ou, no caso da *Linha de Terra*, também “momento”, que deles surge – mais do que a criação de um objecto que se indica como político *a priori*. A criação de objectos e a criação do(s) grupo(s) foi mais do que uma coincidência, foi fruto de uma série de forças e sortes que moldaram o processo artístico e, consequentemente, os seus “resultados”.

Desde o princípio deste projecto, considerei que a melhor ferramenta de trabalho colectivo e artístico que podia partilhar era o discurso, o debate. Propus isto, porque considerei a pintura, a minha área principal, como demasiado solitária e difícil de manobrar participativamente com resultados que fossem significativos para todos os envolvidos nesse processo. Durante o(s) processo(s) do Dentes de Leão, conversámos muito, mas essa conversa acabou por estar num foro mais processual e, daí, também mais privado, o que também é bom! O momento da *Linha de Terra* em que nos sentámos na toalha foi inicialmente proposto como um espaço de debate e reflexão colectiva, mas foi para mim excepcional compreender como esse momento não tinha de ser linguístico: podia ser mais sensorial, mais sensível e, por isso, penso agora – e ainda bem! –, até mais plástico e próximo do pensamento pictórico!

DENTES DE LEÃO (DL)

How important was the relational and affective aspect of Dentes de Leão to your artistic project?

CARLOTA JARDIM (CJ)

As far as I’m concerned, working with a lot of people is always a challenge. In the field of visual arts, where I come from, the circle of people usually involved in the creation processes is very restricted, if not limited to myself when doing the “work”. Despite having had relational and even participatory experiences before, taking part in Dentes de Leão opened a number of artistic and relational horizons, of which I highlight precisely the affective relationship, the mutual support, the critical debate and the building of ephemeral communities – an “expression” on which we worked constantly. Well, one is only able to construct and confront all this when there is a common ground, and the main job of creation is coming up with it. This is of particular importance to me, because I’m more interested in connecting the artistic and the political in that way – in the way processes interconnect to create an “object” or, in the case of *Linha de Terra*, also a “moment” that emerges from them – than in creating an object that is said to be political *a priori*. Creating objects and creating groups was more than a coincidence, it was the result of a series of forces and hazards that shaped the artistic process and consequently its “results”. Since the beginning of this project, I believed the best collective and artistic work tool I could share was speech, debate. I suggested it, because I considered my main field of work, painting, too lonely and difficult to manoeuvre in a participatory manner with results that were meaningful for everyone involved in this process. During the Dentes de Leão process(es), there was a lot of talking, but it focused more on the procedure, and was thus also more private, which is also good! The moment during *Linha de Terra* when we sat down on the tablecloth was initially put forward as a space for debate and collective thinking, but as far as I’m concerned it was outstanding to realise how that moment needn’t involve language: it could be more sensory, more sensitive, and consequently, I now believe – and I’m glad I do! –, even more visual and closer to pictorial thinking!

MICAELA MORGADO (MM)

Como nunca tinha estado envolvida num projeto deste género, o seu impacto foi enorme. No início, criei alguns constrangimentos, bloqueios e resistências, mas foram gradualmente diluídos por esse papel relacional e afetivo. Por outro lado, esse mesmo papel tornou o próprio projeto bastante pesado e mais complexo do que estava à espera. Sinto que houve alturas em que o papel de cada um (porque infelizmente existiam hierarquias) se desfigurava, muita coisa se misturava e muitos limites eram quebrados, trazendo uma dificuldade acrescida e esgotamento psicológico que retirava o foco do objetivo principal.

Sei que o papel relacional teve relevância, mas ainda não percebi que tipo de relevância teve para o meu processo artístico. A nível pessoal e interpessoal, no entanto, penso que posso afirmar que o Dentes de Leão teve uma grande relevância para todos. Fora do projeto, como ainda é muito recente, parece-me que, de imediato, teve o efeito contrário: sinto uma enorme necessidade de voltar a trabalhar sozinha e para mim, respeitar os meus ritmos e não forçar a “participação” de ninguém, inclusive a minha.

DL

Como se processou a experiência de incluir jovens no vosso processo artístico?

MM

Mesmo não podendo afirmar isto pelos jovens, tentei que se processasse da forma mais natural e confortável para ambos os lados. Foi evidente que era necessário mais tempo em conjunto para conseguir ter um fluxo de trabalho mais produtivo, partilhado e amplo (no sentido de simplesmente acontecer algo, descobrir caminhos juntos, etc.). Acabei por pedir a sua palavra em algumas situações mais pontuais e talvez de forma mais objetiva (e consequentemente mais limitativa) para que fosse possível uma menor estagnação das ideias/projetos (ritmos de trabalho vs prazos/pressões exteriores aos jovens e artistas). Pareceu-me que, quanto mais perto da reta final estávamos, menos conseguíamos trabalhar com os jovens. Sinto que, por vezes, a inclusão dos jovens pode ter sido um pouco superficial, talvez pela forma muito monitorizada e calendarizada como passávamos o tempo que tínhamos com eles. Tinha muita necessidade de que esse tempo fosse o mais produtivo e útil possível.

CJ

Criar com a participação de jovens era uma das principais propostas feitas ao grupo de artistas. Penso que, em grupo, fizemos para que a participação dxs jovens se aproximasse de uma acção quotidiana, em que era natural debatermos e criarmos em conjunto. Houve vários momentos em

MICAELA MORGADO (MM)

Given that I had never been involved in a project like this, it had a huge impact on me. At first, I developed some constraints, blocks and resistance, but they gradually faded because of that relational and affective aspect. On the other hand, that same aspect rendered the project quite heavy and more complex than I was expecting. I felt there were times when the role of every person (because, unfortunately, there were hierarchies) was disfigured, a lot of things got mixed up, and plenty of boundaries were broken, introducing added difficulty and causing mental exhaustion that removed the focus from the main goal.

I know the relational aspect was important, but I still haven’t figured out its significance to my artistic process. On a personal and interpersonal level, however, I believe I can say that Dentes de Leão was very significant to everyone. Beyond the project, given that it is still very recent, it seems to immediately have had the opposite effect: I feel a great need to work by and for myself again, to respect my rhythms, and to not impose anyone’s “participation”, including my own.

DL

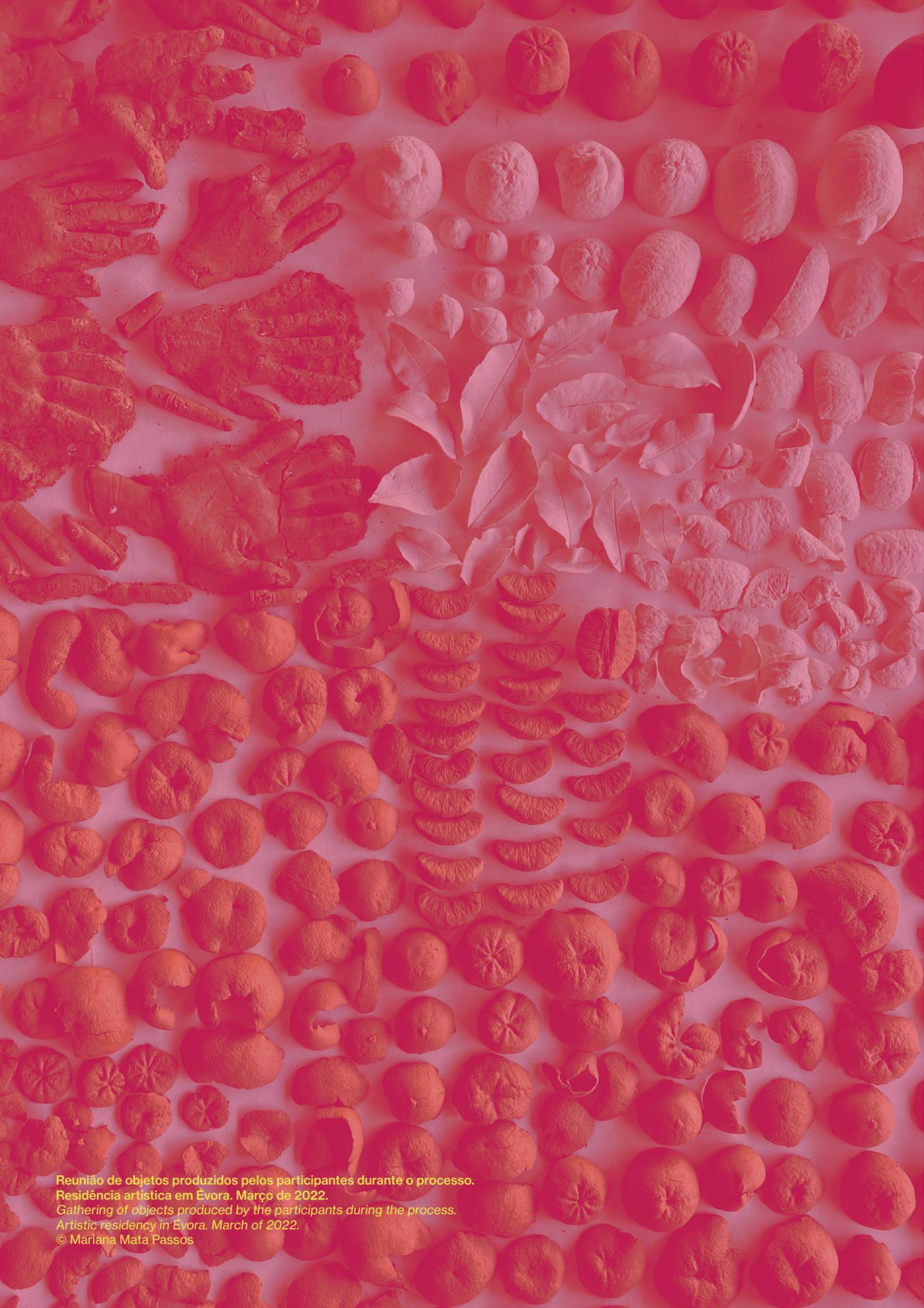
How did the experience of including youngsters in your artistic process go?

MM

Even if I can’t speak on the youngsters’ behalf, I tried to make it as natural and comfortable as possible for both sides. It was clear that we needed more time together to be able to get a more productive, shared and broad workflow (in the sense of something simply happening, finding paths together, etc.). I ended up asking for their opinion in some more specific occasions, and perhaps in a more objective (and consequently more limiting) manner, so that there would be less stagnation of ideas/projects (pace of work vs deadlines/outside pressure on the youngsters and artists). It seemed to me that the closer we were to the final stretch, the less we managed to work with the youngsters. I feel that they might have been somewhat superficially included at times, perhaps due to the highly monitored and scheduled manner in which we spent time with them. I felt a great need to render that time as productive and useful as possible.

CJ

One of the main propositions made to the group of artists was to create with the participation of youngsters. I believe that, as a team, we made an effort to bring the participation of the youngsters closer to an everyday activity, in which it was natural to discuss and create together. There were several moments when that participation took place, but perhaps on a more personal level, rather than on an



que essa participação se deu, mas talvez num foro mais pessoal do que artístico. Não creio que isto seja um problema. Penso que, para a participação ser de facto “artística”, tínhamos de ter passado mais tempo juntos e jogado para além do campo relacional e afectivo. No entanto, creio que foi uma experiência enriquecedora para toda a gente. Interessa-me menos fazer uma apreciação crítica de pessoas individuais do que de processos de criação. Acontece que, em relação aos processos artísticos, xs jovens foram uma presença flutuante. Não creio que isto tenha acontecido por falta de motivação de ambas as partes, mas porque o desenho do projecto nos dava pouco tempo de encontro. Muitas vezes, trabalhamos em relação a eles e não em conjunto. Eu, que também não tive disponibilidade total durante o Dentes de Leão, perdi muitas oportunidades. Esta questão fica, assim, numa dimensão de sonho: o desejo de ter feito mais, cooperado mais, entendido melhor. Acho que, neste processo, é necessário reconhecer que a estrutura do projecto desembocou não numa co-criação, mas em encontros pontuais entre pessoas de diferentes territórios, com preocupações e expectativas distintas, embora unidas pelo Dentes de Leão. Isto resultou em encontros envoltos em muita expectativa e em que o trabalho de colaboração se diminuiu em exercícios mais próximos do “workshop”. Mas também acho que, se perguntarem aos jovens, eles vão ter uma resposta muito diferente da minha.

Se digo isto, é porque podemos aprender com a experiência de, mesmo num projecto com a duração de um ano, existir falta de tempo! Claro que xs jovens participaram em vários momentos de criação da *Linha de Terra*, nomeadamente na criação dos objectos da colecção. Alguns desses momentos aconteceram antes de sabermos que estávamos a construir a *Linha de Terra*. Moldes cerâmicos de laranjas do Sardoal e gomos em barro de limões de Évora, foram das primeiras actividades que fizemos em conjunto, tanto com xs jovens como dentro do grupo de (jovens) artistas. Muitas mãos do Dentes de Leão construíram a *Linha de Terra*, factual e metaforicamente. Mais no final, depois da primeira apresentação no Sardoal, tivemos o parecer crítico dos jovens, o que foi óptimo, mas tardio, porque, a partir daí, já não tínhamos mais residências de criação e pouco podia ser feito.

Ainda assim, dentro do que foi possível ser feito, encontro na *Linha de Terra* um trabalho que reutiliza os momentos que passámos em conjunto para criar e fruir de mais momentos partilhados. O limite do possível tem muito interesse, porque, assim, posso compreender melhor o que foi de facto feito, com mais clareza do que o sonho de que falava há pouco. Houve muita gente envolvida neste processo, não só artistas e jovens como também mediadoras. Olhando para trás, acho que toda a gente

artistic one. I don't consider it a problem. I believe that in order for participation to be in fact “artistic”, we would have to spend more time together and invest in more than the relational and affective aspects. Notwithstanding, I think it was an enriching experience for everyone.

I'm less interested in making a critical evaluation of individuals than of creation processes. It so happens that, concerning the artistic processes, the youngsters had an erratic presence. I don't think it happened due to lack of motivation from both sides, but because the way the project was designed allowed little time to get together. We often worked in relation to and not with them. Since I also wasn't fully available during the Dentes de Leão project, I missed many opportunities. This issue is thus a matter of fantasy: the wish of having done more, cooperated more, understood better. In this process, I believe it is necessary to acknowledge that the project's structure didn't result in co-creation, but rather in occasional encounters between people from different territories, with distinct concerns and expectations, although joined by Dentes de Leão. It led to encounters surrounded by plenty of expectations and in which collaborative work was narrowed to exercises more easily found in workshops. But I also believe that if you were to ask the youngsters they would have a very different perspective.

I'm saying this because we can learn from the experience of, even in a project that lasts one year, not having enough time! Of course the youngsters participated in several moments of creation of *Linha de Terra*, namely in the creation of the collection objects. Some of those moments took place before we knew we were making *Linha de Terra*. Ceramic moulds of oranges from Sardoal and clay segments of lemons from Évora were some of the first activities we did together, both with the youngsters and among the group of (young) artists. Many hands from Dentes de Leão were factually and metaphorically involved in the making of *Linha de Terra*. Towards the end, after the first presentation at Sardoal, the youngsters gave us their critical opinion, which was great, but late, because there were no more creation residencies after and little could be done.

Even so, considering what could be done, I see in *Linha de Terra* a work that reuses the moments we spent together to create and enjoy more shared moments. The limits of what's possible are very interesting, because they allow me to better understand what was in fact accomplished, in a clearer way than the fantasy I mentioned earlier. Many people were involved in this process, not only artists and youngsters, but also mediators. Looking back, I believe everyone worked as best as they could, and it in fact bore fruits, relational ones in particular. It should also be taken into consideration that everyone had their own (personal, professional, school) life aside from Dentes de Leão, and that it must be

trabalhou o melhor possível e isso deu de facto frutos, em particular os relacionais. É preciso também pensar que toda a gente tinha a sua própria vida – pessoal, profissional, escolar – para além do Dentes de Leão e que esta deve ser respeitada quando se faz este género de apreciações. Alegro-me saber que xs jovens criaram uma comunidade entre eles. Mais uma vez, as relações humanas são o que mais sublinho neste projecto.

DL

Quais foram os desafios e as oportunidades que os territórios e as comunidades envolvidas trouxeram ao desenvolvimento dos vossos projetos artísticos?

MM

“Habitar” territórios onde nunca tinha estado, cada um com desafios, partilhas e necessidades diferentes. Desde o início, estar na posição de “artista” ativo que vai para o território X trabalhar com as pessoas Y, que serão pontes para chegar ao desenvolvimento de projetos artísticos participativos Z. Deu para perceber que, muitas vezes, parecia extremamente fácil ter uma certa atitude perante esses territórios/comunidades, porque estava muito distante da realidade desses lugares. Mesmo tendo vivido em meios pequenos e sedentos de oferta cultural, o sentimento de passagem e de não pertencer a esse território/comunidade estava muito presente. Apesar de passar muito tempo em cada lugar, o sentimento de desapego era grande. Estava numa posição privilegiada de “artista ativo”, cheio de ferramentas facilitadoras, fórmulas de trabalho e acesso direto a espaços culturais, mas rapidamente percebi que esses fatores não eram suficientes para criar um interesse cultural e artístico a longo prazo nas comunidades em que atuámos. Conseguimos criar interesse e curiosidade em várias pessoas. Algumas já se interessavam ou trabalhavam no meio artístico, outras nem por isso. Foram as que não tinham relação com as artes que mais me interessaram, porque essa relação não se criou através da criação artística nem dentro de espaços culturais. Esse impulso em direção às artes surgiu principalmente de relações e interações externas ao vínculo artístico, o que também é interessante. Mas questiono-me por que é que criar rotinas culturais num território pequeno é algo tão difícil. A oferta cultural pode ser reduzida, mas o interesse é, por vezes, ainda mais reduzido. Trabalhar nesses territórios foi, contudo, uma grande oportunidade: conseguiu-se descentralizar (um pouco) a criação artística dos grandes centros, mesmo que os resultados finais tenham sido partilhados na Culturgest.

CJ

A meu ver, trabalhar no Sardoal teve mais impacto, tanto em mim e no grupo de artistas como na

valued when undertaking this kind of assessment. I'm pleased to know the youngsters created a community among them. Once again, what I'd like to highlight in this project are human relationships.

DL

What challenges and opportunities did the involved territories and communities bring to the development of your artistic projects?

MM

“Inhabiting” territories where I had never been, each with different challenges, sharings and needs. Right from the start, being in the position of active “artist” who goes to a certain territory to work with certain people who will act as bridges to eventually develop certain participatory art projects. I realised it often seemed extremely easy to have a certain attitude toward those territories/communities, because I was rather distant from the reality of those places. Even having lived in small places that were thirsty for cultural offers, the feeling of passing through and not belonging to that territory/community was very present. Despite spending a lot of time in each place, I felt greatly detached. I was in a privileged position as an “active artist”, loaded with facilitating tools, work formulas and direct access to cultural venues, but I quickly realised that was not enough to create a long-term cultural and artistic interest in the communities where we operated. We managed to get several people interested and make them curious. Some of them already had an interest or worked in the artistic milieu, others not so much. I was mostly interested in those who had no connection to art, because that connection wasn't brought forth through artistic creation or within cultural spaces. That impulse toward art mainly emerged from relationships and interactions foreign to the artistic link, which is also interesting. Nevertheless, I wonder why establishing cultural routines in a small territory is so difficult. Cultural offer may be small, but interest is some times even smaller. Working in those territories, however, was a great opportunity: it was possible to (somewhat) move artistic creation away from the big cities, even if the final outcome was shared at Culturgest.

CJ

In my view, what had the most impact in me and in the group of artists, as well as in the community and in the territory, was the work carried out at Sardoal. It is a small town, and we were working at the cultural centre, and so these interactions naturally took place both “within” what was expected in the scope of the project and on its “periphery” – in other words, in the places where had our meals, in the cafes where we went for a drink, in the residencies where we stayed. Évora is much larger and greatly stretches what we can consider “community”. The

comunidade e no território. Sendo uma vila pequena, e estando nós a trabalhar no centro cultural, estas interações foram naturalmente acontecendo – tanto “dentro” do esperado no contexto do projecto como na sua “periferia”: ou seja, nos lugares onde tínhamos refeições, nos cafés onde íamos beber um copo, nas residências onde ficávamos. Évora é muito maior, estendendo muito aquilo que podemos considerar como “comunidade”, e o espaço onde trabalhávamos (a Pó de Vir a Ser) acabava por dar um cariz mais “privado” aos desenvolvimentos do projecto. Como disse anteriormente, houve largos períodos de tempo em que, por ter outros projetos em mãos, não tive disponibilidade para trabalhar presencialmente nestes territórios. Assim, não creio ter mergulhado tão a fundo no Sardoal ou em Évora como outras pessoas. No entanto, houve vários encontros “não oficiais” que nos uniram aos territórios onde trabalhamos. Exemplos disso foram os encontros com as ceramistas do Sardoal ou com xs trabalhoxs dos restaurantes que frequentávamos. Já a questão da descentralização – que é um palavrão – creio que é um desafio bastante mais complexo, especialmente no que toca às artes. Não creio ter ainda muitas ferramentas para actuar nesse campo com sucesso. Sinto que, de qualquer forma, venho de um lugar “centralizado” (e também protegido) no que respeita às artes visuais, dada a minha formação e áreas de trabalho. Assim, acabo por sentir uma barreira que é difícil de transpor, seja pelas estruturas políticas do país ou pela minha própria inexperiência. Penso que tenho de explorar melhor como essa “descentralização” pode acontecer neste género de projectos, mas dentro de um sistema de troca directa, e acho que isso demora tempo até ser o mais orgânico possível...

DL

Que impacto teve esta ação e quais as aprendizagens e experiências que destacam?

CJ

Começa a passar algum tempo, o que permite pensar em certas conclusões, mas ainda assim não sei se é tempo suficiente para fazer um sumário das várias aprendizagens que tiro do Dentes de Leão. Em relação à participação, compreendi que para esta acontecer, são precisas pelo menos duas coisas, para além de ter o desejo de participar: tempo e a possibilidade de não participar. Num projecto assim, os limites do individual e do colectivo redefinem-se constantemente e pode acontecer que a vida pessoal se sobreponha ao desejo de participar, ou que a participação ganhe fôlego precisamente no alargar daquilo que consideramos individual. Este trabalho, que é extremamente criativo, não é linear. Penso que o maior trabalho criativo se deu no âmbito das relações humanas

place where we worked (Pó de Vir a Ser) ended up rendering the developments of the project more “private”. As stated before, there were long periods of time during which, due to having to deal with other projects, I wasn't available to physically work in those territories. Therefore, I believe I didn't involve myself as deeply in Sardoal and in Évora as others did. There were, however, several “non-official” encounters that bonded us to the territories where we operated. Examples of this include meeting the potters from Sardoal or engaging with the workers at the restaurants where we used to go. The issue of decentralisation, that dirty word, on the other hand, is a far more complex challenge, especially when it comes to art. I still don't have many tools to successfully take action in that field, I believe. I feel that in any case I come from a “centralised” (and also protected) place when it comes to visual arts, given my education and fields of work. In this way, I end up experiencing a barrier that is difficult to overcome, be it because of the country's political structures or because of my own inexperience. I think I have to better explore the way in which that “decentralisation” can take place in this kind of projects, but within a system of direct exchange, and I think it takes time to become as organic as possible...

DL

What was the impact of this action, and which learnings and experiences do you highlight?

CJ

Some time has passed, which allows for certain takeaways, but even so I don't know whether it is enough time to summarise the several learnings I got out of Dentes de Leão. With respect to participation, I realised that, aside from the will to participate, you need at least two things to achieve it: time and the possibility of not participating. In a project like this, the individual and collective limits are constantly being redefined, and personal life may override the will to participate, or participation may get a boost precisely out of broadening that which we consider to be individual. This work is extremely creative and non-linear. I believe the greatest creative work took place in the scope of human relationships, and that the quality of the artistic projects derives from that path. Many of the decisions taken along the way took into account several collectives: the group of artists, the work groups in every project, the group of youngsters, the several organic groups created among the people involved in Dentes de Leão, regardless of their role in the project. The experience of working within such a large project, involving several institutions, people and work groups, certainly is enriching on a participatory level, as well as on a creative and personal one. I certainly have the



e que a qualidade dos projectos artísticos se deve a esse percurso.

Muitas das decisões tomadas ao longo deste percurso foram feitas tendo em conta diversos colectivos: o grupo de artistas, os grupos de trabalho dentro dos projectos, o grupo de jovens, os diversos grupos orgânicos criados entre as pessoas envolvidas no Dentes de Leão, independentemente do seu papel no projecto. A experiência de trabalhar dentro de um projecto tão grande, com várias instituições, pessoas e grupos de trabalho envolvidos, é certamente enriquecedora – tanto a nível participativo como criativo e pessoal. Fico certamente com vontade de utilizar esta experiência em projectos vindouros, sejam eles participativos ou não. No entanto, uma proposta artística que vem a público nunca é um trabalho solitário e o Dentes de Leão fez-me compreender melhor certos mecanismos através dos quais esse trabalho pode ser feito.

DL

No futuro, gostariam de se envolver num projeto de práticas artísticas participativas?

CJ

De momento, interessa-me mais focar em práticas artísticas colaborativas do que participativas, embora a diferença possa ser ténue. Gostava de voltar a trabalhar em participação, com comunidades mais pequenas, até porque gostava de ultrapassar a ideia de «artista» mais «comunidade». Interessa-me que a arte seja um processo comunicativo, de integração, que não pressuponha uma relação estabelecida, dividida e algo misteriosa entre artista e público, mas sinto que preciso de ir decantando as camadas profissionais e afectivas que isso envolve.

MM

Parece-me que vai além do gostar ou não de me envolver. Acredito que, para o meu envolvimento artístico fazer sentido, essa oportunidade/vontade terá de acontecer natural e conscientemente, tendo em conta as minhas ânsias e preocupações artísticas. Ou seja, duvido que volte a candidatar-me a algo desta dimensão e desta forma. Se me voltar a envolver em algo do género será menos espontâneo e menos experimental ou em formato de candidatura. Ao terminar este projeto, percebi que práticas artísticas participativas têm muito mais para dar do que simplesmente trabalhar em conjunto. A ideia do todo é muito importante, mas só faz sentido se a posição individual de cada um se mantiver segura e não delimitada à partida, se houver abertura para a não participação, não sendo isso sinónimo de discordância ou de total confiança no grupo, e se todos os envolvidos estiverem minimamente conscientes da transformação de que serão alvo e predispostos a isso.

desire to use this experience in coming projects, participatory or not. An artistic proposal that goes public, however, is never a lonely work, and Dentes de Leão made me better understand certain mechanisms through which that work can be done.

DL

In the future, would you like to get involved in a project of participatory art practices?

CJ

For the moment, I'm more interested in focusing on collaborative rather participatory art practices, even though the difference may be subtle. I'd like to work on participation again with smaller communities, not least because I'd like to overcome the idea of "artist" plus "community". I wish art to be a process that communicates, that integrates, that doesn't require an established, divided and somewhat mysterious relationship between artist and audience, but I feel that I need to gradually decant the professional and affective layers it involves.

MM

It seems to me that it goes beyond liking or not to get involved. I believe that in order for my artistic involvement to make sense that opportunity/desire must arise naturally and consciously, taking into account my artistic anxieties and concerns. In other words, I doubt I'll ever apply to something of this size and in this manner. If I ever involve myself again in anything like this, it will be less spontaneous and less experimental, or as an application. When this project came to an end, I realised that participatory art practices have a lot more to give than simply working together. The idea of the whole is very important, but it only makes sense if everyone's individual position remains safe and is not defined in advance, if there's openness to non-participation, which doesn't mean disagreement or absolute trust in the group, and if everyone involved is minimally aware of the change they'll be subject to and is willing to go through it.